



A GRANDE BANDEIRA DAS ESMERALDAS

General JOSÉ FAUSTINO DA SILVA FILHO

A SERRA RESPLANDECENTE

Todos os tesouros descobertos e por descobrir, por edito real, pertenciam ao Rei, que prometia títulos de nobreza a quem fizesse sacrifícios para descobrir a *Serra Resplandecente*, de que falavam os índios. Estes diziam que no norte de Minas havia uma serra que resplandecia, quando sôbre ela incidiam os raios do sol, tal a quantidade de esmeraldas que continha e que por isso a denominavam de Itaberababuçu. A ambição da descoberta, além da riqueza que poderia proporcionar, era ainda mais estimulada pelo prometido título de brasaõ de nobreza, insigne honra, a maior daquela época.

De São Paulo e da Bahia partem bandeiras em demanda da *Serra Resplandecente*. A bandeira de Marco de Azevedo atinge à cubiçada região, de lá trazendo, como amostra, algumas pedras que são oferecidas ao Rei. O seu descobridor, porém, não quer revelar o segredo de sua localização e itinerário a seguir, sendo por isso recolhido a uma prisão, onde veio a falecer. O Governador Afonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, ansiando pela descoberta e sabendo das proezas do famoso bandeirante Fernão Dias Paes, vai encarregá-lo da descoberta das esmeraldas da Serra do Sabarabuçu, oferecendo-lhe, antecipadamente, o título de "Capitão-mor das Minas das Esmeraldas" e promete tornar nobres a todos os seus descendentes, desde que desencantasse êle a Serra Resplandecente.

Fernão Dias, embora já tivesse a avançada idade de 66 anos, sente-se instigado pelo brio de bandeirante e, num gesto quixotesco, aceita o encargo fazendo questão de custear as despesas, as quais vão levá-lo à miséria.

Em 1674, inicia a angustiosa jornada, que se prolonga por 7 anos e já se assemelha a uma epopéia espartana. O itinerário da penetração, além da Mantiqueira, ficou assinalado pelas roças plantadas pelos expedicionários, e tais paradas são enumeradas por Roberto

Southey: Ibituruna, Paraopeba, Sumidouro do Rio das Velhas, Roça Grande, Tracambira, Itamerendiba, Esmeraldas, Mato das Pedrarias e Serra Fria.

Esgotados os seus recursos, — mais de seis mil cruzados, segundo os cálculos da Câmara de São Paulo, — envia um emissário à sua esposa distante, aquela denodada Maria Garcia Betink, que deixara gravemente enfêrma e tanto lhe pedira que transferisse a viagem. Vai ela então, abnegadamente, sacrificar jóias, adornos e recordações das próprias bandeiras, além do gado e da mata, donde tirava lenha, “com que ficou em miserável estado de pobreza”, segundo informa o Arquivo de Marinha e Ultramar. O postilhão tardou a voltar. A fome ronda o acampamento. Os próprios dois capelães: um franciscano e o outro carmelita, o deixam com sua teimosia. Alguns desertam e outros se revoltam, tachando-o de louco obstinado.

Os bandeirantes, no dizer de historiadores e sociólogos, não eram anjos de bondade, mas pessoas que, “no anseio do enriquecimento cometeram todos os crimes que os homens dessa época praticavam para satisfação de suas paixões”, informa Paulo Prado em “Retrato do Brasil”.

Fernão Dias não recorre a meios suasórios. Para dominar a revolta, manda enforcar os cabeças, entre os quais se achava o filho bastardo, José Dias Pais.

Certa noite, defronta-se com uma serra, onde nota cintilações, como se ali pousassem inúmeros pirilampos. Para certificar-se da verdade, resolve aguardar o amanhecer. Com o raiar do sol a montanha apresenta reflexos da côr das esmeraldas.

A LENDA DA SERRA RESPLANDECENTE

No sopé da montanha, estendem-se as águas tranqüilas da lagoa do Vipabuçu, e na margem oposta surge um indio curioso, pertencente a tribo dos Maxapós, o qual, feito prisioneiro, conta a *Lenda da Serra Resplandecente* que foi revelada por Gandava. Uiará era a mãe d'água e habitava no fundo daquela lagoa. Nas noites de luar vinha à tona e fazia-se ouvir em seus ternos cantares, tão suaves e encantadores que enfeitavam os guerreiros, que se metiam pela água a dentro quando ela lhes estendia os braços e com eles desaparecia. Era uma atração irresistível a que não escapavam os mais destemidos guerreiros, que haviam desaparecido na profundeza daquela lagoa, sendo assim sacrificados aos caprichos de Ufá.

Os restantes Maxapós imploraram a Machachera, que era o Deus da Guerra, que salvasse os seus guerreiros daquela sedução. Machachera fêz com que Uiará adormecesse e que a tribo velasse pelo seu sono e por sua vida. Dela, agora, só apareciam os cabelos que, por se misturarem com o limo, eram verdes e tão longos que se estendiam além das margens da lagoa, subindo pela montanha. O sol secava-os e petrificava-os e dêles surgiram as esmeraldas ali resplandecentes. O Deus da Guerra os advertira que a vida de Uiará dependia de seus cabelos; cada fio desaparecido, seria um dia de menos em sua existência. E que os Maxapós deviam velar pelo seu sono e por sua vida, pois se ela acordasse ou morresse, uma grande desgraça cairia sobre eles. Eram, por isso, os guardiões das verdes pérolas. Fernão Dias é bem experimentado e não crê nas lendas indígenas. Apanha uma porção de pedras, de todos os tamanhos, sob a maldição dos indios, e as confia a seu filho legítimo, Garcia Rodrigues Paes, que as devia levar a São Paulo. Não é êle, porém, quem ali chega com a preciosa dádiva para El-Rei, embora assim o informem alguns autores. Nem também Borba Gato, como outros afirmam.

O ADMINISTRADOR DAS MINAS

Garcia Paes vai encontrar-se no arraial do Paraopeba com o fidalgo espanhol Dão Rodrigues de Castelo Branco, — que chegara a Portugal com fama de grande conhecedor de mineração, merecendo do Rei o título de Fidalgo da sua casa real, — e fóra nomeado, a 2 de junho de 1673, Administrador-Geral das Minas de Itabaiana. No Brasil desenvolveu êle grande atividade, sem que lograsse qualquer êxito. A 19 de março de 1681, decidiu seguir com uma tropa de paulistas ao encalço da "Grande Bandeira das Esmeraldas". Pretendia talvez, na opinião de Gustavo Barroso, arrancar a Fernão Dias a glória e o proveito do seu achado. O certo é que, Fernão Dias lhe entrega o saquitel de couro com as famosas pedras, sendo disto passado um recibo em língua espanhola, datado do Arraial do Sumidouro, em 26 de junho de 1681.

A MORTE ANTECEDEU À DESILUSÃO

Atacado pelo paludismo, vencido pela fadiga e pelas privações, cai exangue, o inolvidável *Caçador das Esmeraldas*, à margem do Rio das Velhas, com a doce ilusão da descoberta. Os índios exultam dizendo que era castigo de Tupan e exclamam: O Emboaba morreu! Uiâra viverá!



Chegado que foi a São Paulo, o mensageiro de Dão Rodrigo vai passar por um grande desapontamento. Aquêles seixos, pelos quais tanto sofreu um pugilo de audazes aventureiros, eram crisol ou turmalinas verdes.

Não foi, porém, em vão o esforço gigantesco dos intrépidos bandeirantes.

O caminho das minas estava traçado e o seu território em grande parte explorado.

A mineração ia se estender pelas terras dadivosas e recompensaria generosamente as audácias, os sacrifícios e as próprias vidas ali imoladas.